

ENSAIOS DE UMA TRANSINTERVENÇÃO PSI COM MULHERES EM UMA CLÍNICA DE NUTRIÇÃO

Recebido em: 05/03/2024

Publicado em: 06/05/2024

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v5n1.transintervencaoops>

Áshlyn Lima dos Santos¹ Orcid 0000-0001-9652-3866

Bárbara Cossetin Costa Beber Brunini² Orcid 0000-0002-2793-1994

RESUMO. O presente trabalho debruça-se do resultado do encontro de corpos mulheres com uma Psicologia Feminista no espaço de uma clínica escola de Nutrição, trazendo, através de ensaios nos próprios corpos, o modelo de transintervenção. No primeiro ensaio desta escrita/experimentação, a genealogia e a etimologia da palavra “trans”, referenciam nosso estar em corpo e formação e seus atravessamentos no estar estagiária, de uma transintervenção que reflete sobre a produção de saúde mental e mulheridades. O segundo ensaio discorre sobre o método cartográfico que foi o elencado para o desenvolvimento do estágio com a intenção de vivenciar uma pesquisa-intervenção ética e política na transformação de territórios subjetivos. Para o terceiro ensaio, faz-se uma recuperação histórica do(s) feminismo(s) no Brasil, estudos sobre gênero, corpo e mulheridades. Por fim, no quarto ensaio e considerações finais reflete-se sobre o compromisso psicossocial da Psicologia com a temática desenvolvida ao longo do estágio.

Palavras-chave: Transintervenção, Formação em Psicologia, Clínica Escola de Nutrição, Método cartográfico.

ESSAYS OF A PSYCOLOGY TRANSINTERVENTION IN A NUTRITION CLINIC WITH WOMEN

¹ Estudante de Psicologia. Universidade Paranaense - UNIPAR. reallamur@gmail.com

² Doutora em Psicologia. Universidade paranaense - UNIPAR. barbrunini@gmail.com

ABSTRACT. This work focuses on the result of the encounter of women's bodies with Feminist Psychology in the space of a Nutrition school clinic, bringing, through essays on their own bodies, the trans-intervention model. In the first essay of this writing/experimentation, the genealogy and etymology of the word “trans” refer to our being in body and training and its crossings in being an intern, of a transintervention that reflects on the production of mental health and womanhood. The second essay discusses the cartographic method that was chosen for the development of the internship with the intention of experiencing ethical and political research-intervention in the transformation of subjective territories. For the third essay, a historical recovery of feminism(s) in Brazil is made, studies on gender, body and womanhood. Finally, the fourth essay and final considerations reflect on Psychology's psychosocial commitment to the theme developed throughout the internship.

Keywords: Transintervention, Psychology Graduation, Nutrition school clinic, Cartographic method.

Introdução

Buscando contemplar os objetivos de formação crítica e contemporânea na graduação de Psicologia, esse artigo foi desenvolvido em ensaios que almejam contemplar as experi(viv)ências na escrita orgânica (Anzaldúa, 2000) de uma estagiária transgênero em uma Clínica Escola de Nutrição como prática transinterventiva e da ordem da transcrição com outras mulheres atendidas durante as intervenções propostas. A abordagem da Psicologia utilizada foi a Esquizoanálise, uma perspectiva pós-estruturalista desenvolvida com os achados de autores como Deleuze e Guattari (1996) que destacam os processos de subjetivação pelos quais sujeitas passam e perpassam, se movem e se constroem ao se empenharem em linhas duras e moles das tessituras sociais.

Início a escrita deste artigo trazendo em linhas o acontecimento do encontro: com quem falo, como eu falo, apresentando e situando brevemente quem lê a respeito do prefixo trans a partir da influência da genealogia foucaultiana (1993). É premissa da escrita tazer a importância de uma escrita viva que não se engendra em um rigor academicista, mas se faz na ruptura com tais prepotências, se deixando emergir do/no afeto, dessa forma discuto o caráter psicossocial do meu fazer Psicologia no espaço

escolhido, realizando um resgate histórico do movimento e entrelaçando com questionamentos interseccionais sob a ótica de feministas.

A escolha do método para intervenções derivou da necessidade ética-estética-política de estar “no entre”, como preconiza a cartografia, conceito emprestado da geografia e ressignificado não para delimitar em fronteiras e mapas topográficos e sim acompanhar enquanto pesquisadora as movimentações subjetivas, as linhas molares, moleculares e de fuga que constituem os processos de subjetivação e agenciamento de sujeitos, se posicionando no entre, onde a vida aflora. (Guattari & Rolnik, 1986). Coletivados ao método apresentam-se em destaque os diários de campo enquanto ferramentas essenciais para o desenvolvimento da escrita e prática de plantões psicológicos com mulheres, para isto utilizo da visão foucaultiana de caixa de ferramentas e a observação participante de Minayo (2013).

O artigo também pretende apresentar as movimentações históricas dos feminismos, as influências destes na construção de políticas públicas de saúde no Brasil voltadas para pessoas que se identificam com o gênero feminino, sobretudo a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Brasil, 2004), assim como, as contribuições dos estudos de gênero, corpo e mulheridades para a formação crítica de profissionais de saúde que quebram com práticas cristalizadas concebidas em uma noção hegemônica de saúde.

No último e quarto ensaio convido a todas e todos a refletirem sobre os desafios e percalços de uma formação com um compromisso ético, estético e político com a população feminina usuária de serviços de saúde, falando do meu local enquanto mulher transgênero, estagiária e futura psicóloga, dialogando com as reflexões sugeridas ao longo de leituras e estudos fomentados por teóricas mulheres e feministas que comigo estão nesta escrita/intervenção, experiência de criação e transcrição no processo de formação profissional.

ENSAIO I - GRITANDO COMO UMA MULHER

A escrita desse trabalho se dá por meio de ensaios para tratar estes parágrafos com a poética que lhes são conferidas, apresentados como tal por conta do afeto produzido no encontro com mulheres que participaram de todo o processo de transintervenção sobre o

qual a prática de estágio aconteceu, da reciprocidade existente entre mulheres, no ato de ter sido recebida no território de uma Clínica Escola de Nutrição com relações já estabelecidas, uma estagiária do corpo da transgeneridade, ocupando-se do cuidado com aquelas que lerão o presente ensaio almejando proporcionar um encontro que transcende palavras. Essas vociferadas em salas de reuniões, recepção e de atendimento documentadas em diários de campo foram o alicerce para a alimentação da escrita dessa produção. Logo, no descrever da transintervenção³ feita, nenhum encontro e afeto foi deixado de lado, pelo contrário, estão incorporados nos ensaios transcritos.

Cabe iniciar este ensaio dialogando sobre o Estágio Específico Obrigatório I como uma etapa componente essencial da formação em Psicologia, visto que prepara a aluna para a atuação profissional e mercado de trabalho, colocando-a em contato com a prática em Psicologia ao decorrer da graduação, a qual, como afirma Cury (2013) pode ser compreendido enquanto um período “[...] importante produto da formação, deve preparar o aluno aspirante a psicólogo, nesse contexto específico, para desenvolver as competências e habilidades necessárias ao exercício da profissão” (2013, p. 50).

Destarte, a acadêmica em Psicologia ao longo da sua formação é apresentada a inúmeras abordagens e campos de atuação para em determinado momento realizar uma escolha de ênfase em Psicologia para se aprofundar em um dos dos campos da base curricular nacional comum de formação em Psicologia, sendo estes dois separados de maneira didática; ênfase psicossocial e clínica. Separação que não pode ser compreendida enquanto uma especialização precoce, mas como uma possibilidade de aprofundamento teórico e técnico com a ampla gama de demandas que emergem dos mais variados contextos possíveis de atuação em Psicologia (Brasil, 2001).

É importante para esta escrita destacar a importância do prefixo “trans”, associado à noção de algo ou alguém que está para além de alguma coisa ou definição, podendo ser entendido nas possíveis aplicações da palavra na experiência de subversão de normas ou papéis sociais, como no caso de sua utilização para identificar pessoas que cruzam as fronteiras de gênero atribuídas pela sociedade, ação de mobilidade e movimento, de ir

³ Não se trata apenas de um termo cunhado para esse trabalho, mas resultado de um processo surgido desde o início da escolha de contexto de estágio da autora enquanto corpo TRANS de repercutir outros fazeres e estares em um espaço onde também o corpo ocupa espaço de destaque que é a Nutrição.

além dos limites socialmente construídos que deflagram a constituição de uma vivência transcendental (Berutti, 2002).

O reconhecimento de um percurso TRANS por de trás dessa escrita é influenciado também pela genealogia proposta por Foucault (1993), onde o emergir do discurso se dá pelo meio de práticas que ali se sustentam resultando na formação de uma rede de saberes interligados, analisando a historicidade das possibilidades políticas construídas na prática, transcendendo a busca da origem dessas e admirando o acontecer-entre. Deste modo, o transcender seria o ato de contestar aquilo que é imposto, que é dado e naturalizado nas relações, permitindo um (re)inventar de si em meio às convenções sociais, aqui, o corpo de pesquisadora por si só, torna-se parte da intervenção.

Sendo a zona do desejo que o meu corpo habita, cabe também caracterizá-lo então enquanto “[...] uma construção social, política, histórica e cultural, percebê-lo enquanto texto, que constantemente fala, problematiza, educa ou deseduca aquele que o lê” (Silva & Valença, 2016 p. 39), então, se minha corporeidade como pessoa trans por si só aciona diversos tensionamentos nas malhas das teias sociais, minha transposição como estagiária de Psicologia em uma Clínica Escola de Nutrição, necessitou da criação de ferramentas da ordem de uma transintervenção que traz consigo um olhar para além das normas.

Pensando em uma sociedade onde prevalece a dicotomia entre normal/anormal que se retroalimentam cabe a narrativa de minha experiência discutir os efeitos de uma perspectiva transgressora que compactua com a de Luiz Felipe Zago (2014) e é fruto do meu deslocamento enquanto corpo estranho que reconfigura o lugar da norma. Expandido a noção de transgressão apresento a perspectiva também de mesmo caráter da escritora negra e artista bell hooks⁴ (2013) que a partir de sua experiência de vida e percalços enquanto educadora negra, lança insights da teoria enquanto uma prática libertadora, afirmando a necessidade de reconhecimento do aspecto coletivo em discursos naturalizados e possibilitar a transgressão dos mesmo.

Conspirando com a escritora, filósofa e crítica literária Gayatri Chakravorty Spivak (2010), lanço perturbações através da inquietude de um corpo tido como

⁴ Mantenho em letra minúscula em respeito ao desejo da mesma que foquemos na sua escrita e não em seu pseudônimo, manobra que se compreende como ato político de resistência dentro de um espaço academicista e elitizado.

subalterno, termo descrito pela escritora, não como um que não deixa de falar, mas de ser ouvido, para gritar diretamente com quem lê; pode minha escrita, um uníssono de experiências da ordem do sentir ocupar um espaço academicista? Podem as performatividades vivenciadas ao longo do meu estágio, minhas e das mulheres que estive ao lado serem apresentadas? Pode-se abandonar a lógica cientificista quantitativa de fracassos e sucessos de uma pesquisa para abraçar o afeto produzido pelos encontros? Podemos juntas, deixar de lado o querer falar pela outra, para o: ouvirmos juntas?

É resgatando a ideia de uma escrita orgânica desenvolvida pela escritora e acadêmica mexicana Gloria Anzaldúa (2000) que o falar transcrito desse trabalho parte da experiência de uma mulher transgênero que vai de encontro com os falares de outras mulheres em encontros visando a saúde mental em uma clínica de nutrição, não sendo no papel que criamos essa escrita, mas como Anzaldúa destaca “[...] mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos.” (2000, p. 234). O escrever intimista toma como precursor o local das experiências sendo essas no caso, de uma mulher com outras mulheres, os discursos e vivências construídas ao longo de um processo relacional da experiência do estágio na formação em Psicologia, desbravando os caminhos e discursos pelos quais passam e permeiam nossas constituições enquanto sujeitas⁵ corpos.

A escolha da Clínica Escola de Nutrição como local de estágio foi acompanhada de uma provocação da escritora e estagiária em encarar um contexto de atuação pouco familiar e documentado na literatura, um local de estranheza para a própria Psicologia, entendendo a perspectiva psicossocial como também a ocupação de novos espaços e territórios por profissionais da Psicologia (Ferreira Neto, 2008). Infiltrar-se em tais locais proporcionam um encontro com o inédito, com múltiplos viveres e pulsares de vida não-documentados e que não necessariamente precisam disso, mas que requerem uma atenção específica para as demandas que dali emergem.

Nesse sentido abordo o conceito-fazer de uma transintervenção que tem como caráter interventivo a consideração de um constante trânsito de práticas em Psicologia como prática transdisciplinar almejando atender sujeitas múltiplas e com experiências narradas ao longo de atendimentos que provocam nossa escuta para ser(es)-estar(em)

⁵ O uso de sujeitas serve para ressaltar a prática especializada em produção de saúde a mulher ou pessoas do gênero feminino que foram a população alvo do trabalho desenvolvido.

mulheres em transição com os desdobramentos influenciados por suas interseccionalidades⁶ e que, por vezes, acabavam sendo negligenciados pela ausência de uma visão humanizada em produção de saúde preconizado pela OMS (1978).

Ao abordar sobre estes conceitos, o atendimento nutricional ainda é permeado por uma lógica e visualização de corpo essencialmente biologicista, resquício do discurso biomédico característico do início da construção das ciências de saúde como foi no caso também da Psicologia e que não contempla as necessidades para além disso, sendo os corpos enquanto expressões políticas. Outrossim, reconhecemos que práticas como o plantão, acolhimento, triagem e encaminhamento psicológico proporcionam às usuárias dos serviços de saúde um atendimento digno e holístico, estruturando-se em um trabalho em rede⁷ e potencializando sua saúde em todas as esferas.

Com uma dimensão aprofundada de práticas nutricionais objetivando a transformação de hábitos alimentares de indivíduos e coletividades, a transformação de posturas e perspectivas atrelada ao processo nutricional é aspecto fundamental para a aderência de um cardápio por exemplo, para isso Victor Viana (2002) destaca como a Nutrição e Psicologia funcionam de maneira complementar uma da outra, em consonância com os aspectos sociais e culturais que influenciam e atravessam o processo nutricional que se interseccionam nos processos de construção de saúde dessas usuárias.

Para contrariar a reprodução de certas violações de direitos, inclusive à saúde nutricional e psíquica, optamos por pensar-sentir outras metodologias que permitam estar e acompanhar as transformações e movimentações junto das protagonistas em seus territórios subjetivos, se alocando enquanto pesquisadora agente também da transformação, dialogando junto com as condições de vida, subjetividade, coletividades e viveres que ali transitam, encontramos no metodologia cartográfica tais pistas teórico/interventivas.

⁶ Termo chave e crítico definido pela feminista e estudiosa negra Kimberlé Crenshaw (2002) que aborda a interseccionalidade como uma forma de se discutir todas as formas de subordinação que geram consequências estruturais desigualdade em nossa sociedade, baseado sobretudo, em marcadores de raça, gênero, etnia e classe.

⁷ O trabalho em rede é aquele que almeja o entrelaçamento de práticas e saberes de todos as profissionais em saúde e seus campos em prol de um projeto singular, participativo e contextualizado às necessidades da usuária do serviço, visando uma equipe transdisciplinar, elemento essencial para a interação Psicologia e Nutrição desse trabalho.

ENSAIO II - CARTOGRAFANDO COM MULHERES

Entendido os aspectos interseccionais e a transdisciplinaridade nas ações propostas para o desenvolvimento do estágio firmou-se o compromisso social da Psicologia e Nutrição com mulheres que buscam pelos serviços nutricionais da Clínica Escola de Nutrição de uma universidade do Noroeste do Paraná no ano de dois mil e vinte e três e acabaram por visualizarem demandas que vão além dos aspectos de nutrição como é o caso da saúde mental.

Para se alocar nessa multiplicidade de territórios subjetivos psicossociais a metodologia escolhida para o desenvolvimento deste trabalho foi a cartografia, para ir de encontro às vivências e o processo contínuo que é a vida e de onde ela aflora, fazendo no “entre”, não no início das linhas e trajetórias de movimentos das sujeitas que habitam e se (re)constroem subjetivamente. Além de, por si só, carregar um sentido de transgressão ao se apropriar de um termo originado da geografia e transfigurá-lo em outro sentido e aplicação, se tratando de um plano de ação que leva a pesquisadora a intervir em um emaranhado de linhas molares, moleculares e de fuga, relações pré-estabelecidas em territórios vi(vi)dos e transitados por todas subjetividades, sempre em um constante transformar(si) e as sujeitas ao redor.

O atravessar por percursos que nos infiltramos, traz à tona o delineamento cartográfico enquanto método de pesquisa em virtude de experienciar territórios não só geográficos e topográficos, mas subjetivos e da ordem do vivido, transportando quem pesquisa para as relações de quem ali habita e que já aconteciam antes de nossa intervenção.

Como Bárbara Cossettin Costa Beber Brunini (2022) discorre acerca dessa metodologia, é preciso evitar a comparação com a cartografia clássica a qual apresenta uma visão topográfica, matemática e quantitativa do espaço, mas sim o teletransporte de quem pesquisa para o espaço em que se dá a pesquisa, acompanhando as subjetividades e o território onde essas acontecem. É ir de encontro com as forças que atravessam as sujeitas, provocando tensionamentos, acontecimentos e deslocamentos que são visualizados através das narrativas dessas pessoas que expressam todos os conjuntos discursivos e normativas que acontecem no entre, onde a vida pulsa.

A cartógrafa infiltra-se então nesse território subjetivo indo de encontro com a vida que dele aflora, não com o olhar fixado no porquê ou na origem das subjetividades ali se movimentando, mas sim no como, no entre e em todas as direções e dimensões relacionais assimétricas ou não que ali acontecem, junto as protagonistas de suas histórias, intervindo estrategicamente no acontecer que é a vida. O fazer torna-se então uma pesquisa-intervenção uma vez que garante a participação das sujeitas envolvidas nela e sua inclusão não-passiva na produção de conhecimento, desconstruindo a hierarquização de pesquisadora-pesquisada, definindo então esse dicotomismo e se constituindo enquanto uma metodologia de estar com essas sujeitas protagonistas (Kastrup & Passos, 2014).

Gilles Deleuze e Felix Guattari (1996) tratam sujeitas e grupos como atravessadas por linhas que nos dividem e cortam-nos em todas as direções e lados, essas linhas são diferenciadas pelos autores em; molares (ou linhas duras) que cerceiam estruturalmente os desejos, identidades, cristalizam opiniões e formas violentas de se viver, enquanto as moleculares (ou linhas flexíveis) são aquelas que permitem o escapar da molaridade mesmo sem traçar nenhum território, desvios dos jogos macro políticos de poder arquitetados nas linhas duras e as linhas de voo (ou de fuga) que não seguem nenhuma trajetória, desafiando protocolos e tentativas de captura de identidades, essas linhas constituem os territórios subjetivos dos quais cartografamos e os processos de subjetivação que ali ocorrem.

Ao intervir diante tais processos e seus territórios, encarando os jogos de poder e as linhas duras ali instituídas, quem pesquisa/intervém precisa ter em mãos ferramentas eficazes para o trabalho com essas sujeitas/mulheres da atenção em saúde, para tanto cabe resgatar o conceito de caixa de ferramentas para Foucault (2003) que são aquelas necessárias para bem beneficiar quem as precisa e não quem as usa. As ferramentas adquirem formatos e usos na medida em que se produz uma relação de saber-poder com o conhecimento compartilhado na territorialidade do plano subjetivo, servindo até mesmo para contrariar até mesmo quem forja as ferramentas.

Para o autor há uma subversidade, uma constante criação que correlaciona-se com uma transcrição de ferramentas conjuntas para melhor servir sujeitas também da ordem do movimento de invenção. Escrever como, enquanto e com mulheres como é a

proposta e um dos alicerces deste trabalho, configura-se em apresentar ao longo dos ensaios os frutos, frustrações e vivências das servitudes de ferramentas transcritas para o uso das usuárias da clínica de Nutrição. Uma dessas ferramentas são os diários de campo, onde compartilho com Brunini (2022) a mesma forma de compreendê-los enquanto uma:

[...] experimentação de um modo de dizer/sentir/escrever compatível com as problematizações que nos mobilizam, pressupõem que os diários são ferramentas para uma política de narratividade que permite a escrita uníssona de nossas experiências coletivas (p. 27).

A experimentalidade carregada em nossos encontros de plantões psicológicos, foram transcritas e serviram como combustível para uma escrita afetuosa, desprovida de objetivos engendrados mas sempre em conversações fundadas nos afetos de cada encontro, conectando-se com os efeitos da transintervenção nas vicissitudes das movimentações subjetivas das vidas das usuárias enquanto mulheres. Por isso, os diários e a escrita em primeira pessoa reforçam a característica de uma pesquisa de observação participante, noção desenvolvida pela autora Cecília Minayo (2013) que parte do reconhecimento da transformação de sujeitas e territórios a partir da inserção da pesquisadora desde a primeira vez que adentra até mesmo após finalizada a intervenção.

Para a estudiosa, a observação participante permite a quem pesquisa e quem é sujeita a pesquisa se entrelaçam: “Como investigadores, trabalhamos com pessoas, logo, com relações de afeto” (Minayo, 2013, p. 74). Aqui, o afeto volta como resultado da produção de saúde mental ancorada nos compromissos ressaltados anteriormente, acontecendo no momento de acolhimento (outra ferramenta da nossa caixa) de mulheres frente às suas demandas de saúde. Segundo Bruna Adames et al. (2018), o acolher em saúde é uma prática capaz de proporcionar à pessoa acolhida um olhar introspectivo frente a sua vivência situacional, e as repercussões dos acontecimentos dessa na vida como um todo abrangendo seus diversos aspectos, como a historicidade, culturais e outros, como também reconhecida pelo Ministério da Saúde como diretriz para a Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde (SUS), (Brasil, 2010).

Para a Psicologia o fazer-se presente junto a usuária é um momento muito importante e que proporciona a narrativa da história e fatos vividos até então que fizeram

essa pessoa a buscar por um serviço especializado. Brunini (2022) em sua tese de doutorado, desenvolve como:

É espaço verbal, por onde transbordam enunciados e detalhes sobre acontecimentos e ações localizadas, bem como todo o conjunto de reproduções discursivas e normativas que estão disponíveis em seu espaço existencial e se revelam como forças que atravessam suas trajetórias. (p. 17).

Ao compreender esse cuidado com a saúde como um longo processo de escuta especializada que pode resultar na elaboração de uma ou mais demandas, a profissional em Psicologia pode realizar um processo de triagem interventiva que se define enquanto prática voltada: “[...] para o conhecimento da pessoa como ela se apresenta, sem preocupações em relação a conteúdos pré-estabelecidos que qualificam esse saber” (Rocha, 2011, p 127).

Esse procedimento abre a possibilidade de contemplar a espontaneidade da vida que gera, algumas vezes, adversidades que o sujeito não consegue lidar ou não dispõe de ferramentas para isto naquele momento. Ao longo das intervenções na clínica de Nutrição a necessidade de um atendimento psicológico de urgência e que não se configure enquanto um processo essencialmente psicoterapêutico surgiu em diálogos com a equipe e usuárias da clínica, logo a intervenção de plantões psicológicos foram de encontro com as demandas do estágio, tal prática configura-se como: “[...] um tipo de intervenção psicológica que busca acolher a pessoa no momento de sua urgência, fornecendo acolhimento e escuta empática” (Descher & Henriques, 2012, p. 722).

Sendo toda pessoa possível de sofrer com angústias e ansiedades no decorrer da vida que podem fragilizar sua saúde, as práticas mencionadas se entrelaçam para estarem à disposição para o enfrentamento dessas necessidades no momento que surgem, oferecendo um espaço acolhedor e de (re)invenção. É formando-se um vínculo entre profissional, rede de profissionais e usuária a partir da compreensão da última, que trabalhamos uma aliança ética pautada na vida e suas formas de ser e estar no mundo, inclusive em movimentos interventivos a favor de mulheres.

ENSAIO III - MOVIMENTANDO-SE ENQUANTO MULHERES

Conhecer e acompanhar os movimentos ao longo da história da construção e constituição do(s) ser(es)-estar(es) mulheres é de extrema necessidade para este trabalho, pois a relação entre uma alimentação sadia, aspecto da Nutrição e o bem-estar completo

que também é uma preocupação da Psicologia, estão implicados em um processo cultural e que se conflagra ao longo da história. Como Emma Siliprandi (2012) escreve, ao analisar as relações de gênero e segurança alimentar de mulheres, constata a interferência da construção histórica social do papel da mulher na sociedade, questões específicas como a própria alimentação passam despercebidas das pautas políticas e por outro lado, essa mesma constituição social de atribuições de papéis coloca as mulheres como possíveis agentes de estratégias de transformação ao incorporar o alimentar-se enquanto um tema político de movimentos feministas.

Como parte fundamental das discussões feministas está o termo gênero que assume uma categoria útil de análise histórica pela qual se dá uma diferenciação entre sexo, defendendo que o segundo não determina os sentidos que o primeiro adota, pois trata-se de uma construção social minuciosamente pensada enquanto diferenciador para a construção de noções hegemônicas como por exemplo; família e nação (Scott, 2017). As verdades sustentadas nas diferenciações anatômicas dos corpos perdem então sua legitimidade por não possuírem discursos e normas sendo (re)produzidas socialmente, quando o biológico só teria validade nessa discussão na medida que se estabelece enquanto realidade discursiva e relacional.

No campo de construção de realidades podemos apontar que a argumentação do sexo enquanto dado biológico e natural a todos, funciona como uma maneira de evadir ou até mesmo obter validade sobre as explicações e legitimações das desigualdades entre os sexos, desconsiderando a construção histórica e social deste (Santos, 2010). A estruturação dessas desigualdades sendo materiais e sociais se faz presente na sociedade contemporânea onde impera-se que os corpos nasçam com um dos sexos dentre do binário masculino e feminino advindos de uma diferenciação anatômica meticulosamente arquitetada e ancorada sobretudo por discursos biomédicos. Segundo Guacira Lopes Louro (2000):

O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um "dado" anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse "dado" sexo vai determinar o gênero e induzir uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação "é um menino" ou "é uma menina"

inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete (p. 15).

Judith Butler (2018), filósofa, professora e feminista, afirma que gênero se constitui como uma cadeia de atos performativos pelos quais se apreende e performa no mundo, cultura e sociedade, a performatividade então relaciona-se a atos (re)produzidos socialmente como por exemplo, de cruzar as pernas em público para se afirmar enquanto mulher, ou, demonstrar agressividade em público para ser inteligível como homem, sendo a linguagem (não só a fala) a maneira como se é construído noções de gênero enquanto algo dado, a priori da sujeita. Ambos, gênero e sexo dotam-se então, de papéis históricos e constituintes do cerne das relações sociais, posto que (re)produzem atos discursivos no mundo que compõem a construção de saberes, práticas, existências e modos de vidas governados sob a efigie daquilo que é inteligível socialmente e o que não é, do dito e não dito, do desejável e o indesejável, do dito normal e o anormal.

À medida que o enfrentamento político das mulheres por espaços, direitos, garantias, estratégias e ações afirmativas voltadas ao bem-estar acontecem no campo da cultura da sociedade, críticas a modelos tradicionais de saúde aumentam e em congruência a isto, a necessidade de (re)inventar olhares e práticas contextualizadas para atenção e cuidado em saúde também da(s) mulher(es) também.

Como alternativa às concepções hegemônicas de saúde feminina até então predominantes, o Ministério da Saúde adotou como ações e estratégias voltadas ao público a elaboração da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) com princípios e diretrizes norteadores os quais visam a consolidação e melhora de direitos sexuais e reprodutivos⁸, levando em consideração as desigualdades históricas de gênero sofridas do contexto nacional brasileiro e suas especificidades (Brasil, 2004). Dessa forma, ferramentas humanizadas como as elencadas no ensaio anterior, são pilares basilares para um atendimento integrativo atento às particularidades singulares e subjetivas de cada sujeita encontrada ao longo da prática de estágio.

Diante do exposto, considera-se que no fazer integrativo de saúde defrontamos então com diversas práticas/intervenção durante o estar acadêmica estagiária,

⁸ Os direitos sexuais compreendem o direito de uma vida sexual com prazer e sem discriminação enquanto de direitos reprodutivos aqueles de tomada de decisões sobre a reprodução, sem coerção ou violência. (Díaz, et al 2004).

escancarando as possibilidades de desdobramentos em territórios subjetivos, exigindo um trabalho colaborativo entre a profissional e as usuárias, ativo e que considere os desejos e coletividades para uma intervenção psicossocial responsável pelo cuidado, atenção, prevenção e trabalho multidisciplinar.

Acompanhando as transformações em curso nesses territórios e entendendo que é capaz de transformar e ser transformada no processo de refletir juntas nas discursividades da vida e cultura que emergem do chão desses espaços e sujeitas, no tema do próximo e último ensaio que convido a leitora a se transperformormatizar.

ENSAIO IV - PERSISTINDO ENQUANTO MULHERES

Defendo que intervir pode ser entendido como ato de atuação e resistência, justamente quando deixamos de ser objeto e nos tornamos sujeitas do processo. Tal inspiração de pensar objeto para sujeito, vem dos escritos de bell hooks (2013), que afirmam que o falar com a própria boca, o escrever com as próprias palavras, nos coloca no lugar de visibilidade, poder e protagonismo que temos o direito de ocupar. Persistindo enquanto mulheres, cito a coragem de Conceição Evaristo (2014) ao lembrar a força de nossa coletividade ao reconhecermos que somos sim as possibilidades insurgentes do que foi e ainda é falado sobre nós mulheres todas.

No movimento contínuo de luta sobre o lugar de voz e momento da vez, estar corpo mulher trans em espaços acadêmicos já se faz ato de transgressão, estar corpo mulher outro em atuação com/para cuidado e atenção de corpos quase um ato de rebeldia, para mim, ato de transcrição, um jogo afetivo de invenções éticas já que, como defende Margareth Rago (2015):

Nesses movimentos, também está em jogo a invenção ética e libertária da subjetividade, que só se torna possível a partir de experiências individuais e de formas de sociabilidade mais inteiras e mais equilibradas, que possibilitem a expansão dos afetos e desejos. Não se trata apenas dos “sujeitos de direito” que clamam por se fazerem ouvir e serem reconhecidos perante o Estado, mas de novas subjetividades que acenam em busca da ética e do sentido de suas próprias vidas: da renúncia de si e da culpabilização dos desejos, passa-se a afirmação de existências estetizadas, construindo declarada ou imperceptivelmente suas artes do viver e suas heterotopias (p. 59).

Nesta relação entre todas, precisamos refletir em um “fazer com” de alteridades que encontrou no fluxo dos encontros redes de afetos que burlaram a continuidade histórica, comprometendo-se com o que é vital para a vida, “estar no entre”, uma Psicologia proponente de currículos e intervenções no ensino, pesquisa e extensão que acionam saberes conectados com modos plurais de existência e de perspectivas teóricas que se destacam por falar a partir de nós, construindo arquivos coletivos de nossas próprias escrituras (Evaristo, 2020).

Nesta intenção, a produção do conhecimento deixa de ser a experiência local e individual para ser produzido no diálogo, guiado pelo compromisso com a transformação social, um compromisso científico e político da Psicologia mais encarnada, reconhecendo assim que:

[...] o conhecimento produzido no espaço acadêmico, o conhecimento produzido sobre os saberes e os saberes propriamente ditos precisam criar novos horizontes de aberturas, de encontros para além das moralidades que os cercam e, por isso, é necessário que possamos não desprezá-los, mas sim pensar num processo alquímico que desmantele os tentáculos dos enclausuramentos. (Messeder & Nascimento, 2020, p. 159).

Ao adotarmos tal perspectiva como compromisso ético, estético e político, a Psicologia e a Nutrição aproximam-se e promovem o compartilhamento de saberes e o delineamento de práticas que contemplem a demanda subjetiva de usuárias dos serviços de saúde, resultando em um diálogo direto com temáticas de gênero, corpo e processos de subjetivação. Assim, tendo como parte da minha formação profissional a transcrição de espaços sociais e defendendo que para ser um participante da política preciso me tornar parte de uma ação concertada e coletiva, participei de cursos de ensino superior que se uniram em assembleia durante o estágio obrigatório em Psicologia e encenaram outras ideias de igualdade, liberdade e justiça diferentes daquelas a que se opõem.

Essa aparição, diante do palco ético, estético e político da transintervenção é vital para a garantia do reconhecimento da diferença da outra, o acolhimento e escuta especializada desses estranhamentos, o exercício contínuo de alteridade (Gorjon et al., 2019). Ser atriz política é uma função, estar em ato performático é uma característica do corpo que pretende intervir em termos de igualdade com outras sujeitas, atitude relevante para as lutas democráticas contemporâneas também em saúde e território acadêmico.

Um corpo desejante de liberdade, de revolução, de transcrição, encarnado (Messeder & Nascimento, 2020), pode ser entendido como corpo potente de estratégias políticas de resistência aos regimes regulatórios de gênero, do conhecimento blasfêmico como descreve a teórica, definido como o da experimentação tomando como base a corporeidade do encontro durante as práticas de estágio na formação em Psicologia e a necessidade de nos posicionarmos em novos horizontes, celebrando a política entre nós, concordando com Foucault (2004):

Nem tirano, nem escravo, o indivíduo deveria ser capaz de governar-se a si mesmo para tornar-se um ser político apto a participar da vida na pólis. Na antiguidade a vontade de ser um indivíduo ético estava ligada pois, à afirmação da própria liberdade e ao desejo de construir uma vida exemplar, que pudesse ser reconhecida no presente e na posteridade (p. 45).

O governo de si, de nós mulheres todas, responde a necessidade de se libertar e libertar todas da cafetinagem da vida, da sua apropriação pelo capital, pelo sequestro de nossas existências, pelo silenciamento de nossas vozes, pelo apagamento da nossa presença social, descrita nas linhas de Rolnik (2018) como processo de invenção decorrente da inteligência coletiva mobilizada pela urgência de enfrentar a perversão do regime em sua nova versão, força inventiva e de reapropriação, de localizar nossos corpos nesta cartografia afetiva distante das cafetinagens da vida, nas palavras de autora:

Seja qual for este algo, o que conta é que ele carregue consigo a pulsação intensiva dos novos modos de ver e de sentir - que se produziram na teia de relações entre os corpos e que habitam cada um deles singularmente -, de modo a torná-los sensíveis. Em outras palavras, o que importa é transduzir o afeto ou emoção vital, com suas respectivas qualidades intensivas, em uma experiência sensível – seja pela via do gesto, da palavra, etc. -, e que se inscreva na superfície do mundo, gerando desvios em sua arquitetura atual [...] Nessa micropolítica, as ações do desejo consistem portanto em atos de criação que se inscrevem nos territórios existenciais estabelecidos e suas respectivas cartografias, rompendo a cena pacata do instituído (Rolnik, 2018, p. 61).

Deste modo, pertencentes à experimentação das histórias emergidas nos encontros com outras mulheres usuárias da clínica escola de Nutrição de uma universidade do noroeste do Paraná, entrelaçamos os encontros e os afetos vividos utilizando como matéria prima as marcas feitas no corpo, poroso, por onde tudo passa e, afirmando que somos contrárias a precariedade de subjetividades subversivas.

Continuamos sendo consideradas encrencas, (Butler, 2018) aproximando o termo a ideia daqueles corpos acadêmicos feministas na formação em Psicologia que vazam os muros fronteiriços da academia e se infiltram nas ruas através das práticas de estágio, pesquisa e extensão, em espaços onde a potência e o desejo podem transitar, mundos plurais, onde a vida se faz criativa e abre processos infinitos de anunciações sobre tornar-se feminista acadêmica de Psicologia (Brunini, 2022).

Por fim, dedico a esse palco de (in)conclusões, estando eu cartógrafa e não afeita a responder questões, mas potencializar vidas, o posfácio desta escrita vivida e contínua de afecções, certa visão sobre o corpo e suas complexidades, defendendo que a capacidade de mudar e sermos mudadas, provoca em nós, potência(s) enquanto mulheridades para constituirmos os territórios e palcos que quisermos, sendo revolução e revolucionárias, se transcriando em afeto.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Rev. Estudos feministas**, n.1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a17.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2023.

BERUTTI, E. B. Transgenders: questionando os gêneros. Corpo e imagem. São Paulo: **Arte & Ciência**, p. 109-118, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Psicologia**, 2001. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1314.pdf>

BRASIL, Ministério da Saúde. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. Brasília: 2010.

BRASIL, Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: Princípios e Diretrizes**/Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRUNINI, B. C. C. B. **Ad/mira/ação: mulheres docentes feministas e suas práticas descolonizadas na formação em psicologia**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.

BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Editora José Olympio, 2018.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>>. Acesso em: 26 maio. 2023.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, v. 3, 1996.

DÍAZ, M.; CABRAL, F.; SANTOS, L. *Os direitos sexuais e reprodutivos. Afinal, que paz queremos*, p. 45-70, 2004. Disponível em: <http://adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Os_direitos_sexuais_e_direitos_reprodutivos.pdf>. Acesso em: 14 de jun. 2023.

ESPINOSA, B. *Ética*. (Tomaz Tadeu, Trad.). Ed. Autentica, 2009.

EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Pallas Editora, 2014.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, v. 1, p. 26-46, 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=27>>. Acesso em: 10 set. 2023.

FERREIRA NETO, J. L. Intervenção psicossocial em saúde e formação do psicólogo. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, p. 62-69, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100007>>. Acesso em: 14 set. 2023.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*. Ética, estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal. 1993.

FOUCAULT, M. (2004). A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In M. B. Motta (Org.), *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política* (E. Monteiro, I. A. D. Barbosa, trad., pp. 264-287). Rio de Janeiro, RJ: Forensen Universitária. (Trabalho original publicado em 1984).

GORJON, M. G.; MEZZARI, D. C. S.; BASOLI, L. P. Ensaçando lugares de escuta: diálogos entre a psicologia e o conceito de lugar de fala. *Quaderns de Psicologia*, v. 21, n. 1, 2019. Disponível em:



<<https://raco.cat/index.php/QuadernsPsicologia/article/view/355670>>. Acesso em: 24 de Set. 2022.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: **Vozes**, 1986.

hooks, b. *Teoria como prática libertadora*. In: hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo. Editora Martins Fontes, 2013.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MESSEDER, S. A; NASCIMENTO, C. (Ed.). *Pesquisador (a) encarnado (a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências*. **EDUFBA**, 2020.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

OMS/UNICEF. **Conferência de Alma-Ata. Relatório da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários da Saúde**, Alma-Ata, URSS, 6 a 12 de setembro de 1978. Brasília, p. 1-64. 1979.

RAGO, M. *Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias*. São Paulo: **ECidade**, 2015.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, J. A. **Gênero na teoria social: papéis, interações e instituições**. UFJF, 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo4a5.pdf>>. Acesso em: 15 abril. 2023.

SCOTT, J. G. *Gênero, uma categoria útil de análise histórica*. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SILVA, R. G.; VALENÇA, K. M. C. *Corpos efeminados na escola: a subalternidade em um espaço excludente*. **Revista Caderno de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 2, n. 1, p. 36-50, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernoscap/article/view/14968/17803>. Acesso em: 15 out. 2022.



SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar.** UFMG, 2010.

VIANA, V. Psicologia, saúde e nutrição: Contributo para o estudo do comportamento alimentar. **Análise psicológica**, v. 20, n. 4, p. 611-624, 2002.

ZAGO, L. F. Quando a norma range os dentes—corpo, norma e transgressão. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 16, n. 31, 2014. Disponível em: <<http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/txra/article/view/1209>>. Acesso em: 07 abril. 2023.